

# SOBRE MARCEL PROUST

*Folha da Manhã – 17 de novembro de 1935.*

*Republicada em: O Dia – 10 de dezembro de 1935, L1/47.*

**M**arcel Proust, aquele inconfundível precursor de Luigi Pirandello, aquele inconfundível fragmentador da realidade e criador admirável de sensações estava bem longe de imaginar que viria ser um dos orientadores da literatura contemporânea.

Porque a época seja de incompreensão e a luta pela vida provoque a ferocidade e estimule a falta de sinceridade, a obra de Marcel Proust não pode ser traduzida ao pé da letra, o que impede penetrarmos o seu pensamento básico, seguirmos o seu raciocínio seco, divulgamos as suas idéias convulsionadas pelo drama interior que consome a existência do homem.

Nem por isso a complexidade luminosa de Proust nos entusiasma. Dá-nos somente a impressão de pesada atualidade e de que Proust, como o seu irmão de pátria, Henri Bergson, procura dar ao espírito um lugar de destaque, uma posição mais cômoda ao seu desenvolvimento instintivo.

A contrário, porém, de Bergson, Proust no domínio da idéia e do pensamento livre, não procurou tomar posição nem possuir uma única atitude que explicasse todas as suas outras atitudes. Procurou ser moderno e fazer-se compreender através das emoções e sensações que transmite consciente ou instintivamente por intermédio de suas obras aos que o haviam de suceder e tal como Bergson,

precisou lançar-se contra a falada unidade universal decompondo as forças caprichosas que integram o mundo. E assim, por longo tempo, há de transmitir sempre o mesmo sabor de modernidade.

A sua vida, pouco acidentada e de pouco interesse para os que o conhecem de perto, ainda que sem entender a sua linguagem e a sua dialética, é cheia de sombras o que não permite, fazer-se dele, como já se fez de outros tantos personagens especiais, um romance.

Não teria por certo, a mesma atração, o mesmo sentido heróico, o mesmo desenrolar louco, o mesmo gosto de luta, a mesma ânsia apaixonada, o mesmo desejo ardente que a vida de um Tolstoi, ou de um Dostoewski, que a vida de um Nietzsche ou de um Goethe em contraste com o atraso do tempo que os queria sujeitar, impondo-lhes condições determinadas, impedindo-lhes de se analisarem internamente e de se colocarem em contato comunicativo direto com o meio.

Proust foi um pacato e um afirmador da vontade de sua época. Ninguém o viu uma vez sequer abandonar o formalismo tradicional para seguir com os reformadores ou com os revolucionários. Era levado pela corrente. Ao que parece tem-na o destino. Desconfiava do futuro. Entregava-se à fatalidade.

Fracamente de saúde, em começo, habituou-se, pervertendo e viciando o talento, aos desregramentos de uma sociedade fútil e displicente, que o acolhia indiferente sem o mais leve sinal de encantamento pela sua prosa discreta e suave, pelo seu mundanismo excessivo igual ao ambiente acanhadamente mundano em que se agitava uma multidão enorme de seres efêmeros, igual ao ambiente elegante e chique onde respirava um ar envenenado com pieguices de indivíduos de inteligência rasteira e cultura de salão, onde a ociosidade empedernida e o ridículo se juntavam, formando uma elite decadente faminta de poder e glória fácil.

Aí, nesse meio de fulgências incaracterísticas e de fulgurações mentirosas, adquiriu o estúpido gosto de ociosidade e o amor inútil do epicurismo grosseiro. Nunca soube negar. Iniciou-se covardemente. Com humilhações. Sem reagir. Quietamente e silenciosamente. Quietamente e silenciosamente porque temia tirar daquela pasmaceira, às vezes deslumbrantes e às vezes sem sentido algum, uma sociedade fanada a uma

vida estéril de ilusões multicores. Faltava-lhe vontade de libertação. E só mais tarde, desesperado, ajoelhou-se humilhado diante de si mesmo, contemplando a grandeza misteriosa do universo. Transfigurou-se vencendo o terror. E começou a sua ascensão.

Marcel Proust veio mostrar mais uma vez, que na sublime libertação do espírito está a grandeza do poder criador. Procurar a verdade, sobrepondo-se à melancolia e à indiferença, superando o destino e excedendo-se a si mesmo, é o fim de todos nós. A duração real o preocupa tirando-o a tranqüilidade. E no entanto, é só em contato com o tempo que ele consegue a justa tranqüilidade. Com o tempo exterior em função do tempo interior.

Desta forma, a carga de um longo passado ditava o seu mundo relativamente original de examinar os fenômenos. Ele mesmo sentiu, existindo como imortal de dois mundos de orientação antagônicas, a substituição barulhenta do milenar moralismo de Platão pelo utilitarismo filosófico de nossos dias.

Proust, o Proust introspectivo, o Proust virado para dentro, o Proust interiorizado, o Proust cujo estado místico afastava-se cada vez mais do mundo preferindo o isolamento a esse mundo. Foi o primeiro intérprete da decadência próxima com a dissociação integral dos valores que sustentavam a velha cultura e a velha civilização.

Foi o primeiro a antever a morte de tudo, o cansaço da sociedade medieval, o esfaifamento do espírito e da memória que era para ele o fundamento capital do princípio de continuidade histórica. Sentia o desfalecimento sem prever nada. Sentia a fase agônica sem que o seu instinto o auxiliasse. Encontrava-se irremediavelmente perdido no seio de uma floresta imensa sem saber para quem apelasse na sua vaidade incontida de homem civilizado. A sua penetração psicológica ia às profundezas da alma recuando medrosamente à obscuridade do inconsciente. Proust parece um homem que procurando atingir o infinito encontro diante de si um abismo inexpugnável, sentindo-se impelido para dentro dele, achando-se na iminência de ser por ele tragado.